https://doi.org/10.35520/flbc.2025.v17n32e66438

A Terra do Nunca de Pedro Minet

Julio Cesar Carvalho Costa[*]

MINET, Pedro. *Coleção de meninos mortos*.
Cotia: Urutau, 2022.

Vladmir Nabokov (2021) enfatizou por vários momentos em *Lições de literatura* a ideia de que uma obra de arte é, essencialmente, a construção de um universo singular, um conto de fadas. Baseando-se em *Mansfield Park*, de Jane Austen, afirmava que, para um autor de talento, a vida real não é algo preexistente; é algo que deve ele mesmo criar, moldando suas próprias consequências. Essa perspectiva não é exclusiva sua; muitos autores, desde os poetas malditos franceses — Baudelaire, Verlaine e Rimbaud —, até alguns autores da vanguarda latino-americana, se destacaram por essa capacidade. Pedro Minet, escritor carioca, parece se integrar discretamente nessa linhagem, como um suspiro recente capturado nas páginas dos canonizados.

Sua *Coleção de meninos mortos*, livro de poesia lançado em 2022 pela Editora Urutau, é um conto de fadas que, à semelhança de uma narrativa encantadora, adota um senso prático, diluído e fantástico, característico dessas histórias. Esse senso prático, na verdade, funciona como uma espécie de combustão

[*] Graduando em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Piauí (campus Parnaíba).

que reflete ao leitor tudo o que existe, tudo o que já foi contado, mas que, por algum motivo, nunca foi ou pôde ser sustentado. Trata-se, de fato, de um conto de fadas, pois Minet parece tecer suas próprias lógicas, normas e consistências. Percebemos, então, que o que inicialmente parece ser uma análise minuciosa (e homoerótica) dos comportamentos urbanos da juventude masculina carioca contemporânea, à moda *flâneur*, adotada pelo autor ao longo de toda a obra, revela-se como algo mais complexo: a criação de um (Outro, novo) Rio de Janeiro.

Em "Rio Sul Shopping Center", talvez o poema mais formalmente ousado e experimental do livro, o autor se apropria, como pontapé inicial, de um comercial de TV real do *shopping*, que retrata Deus e São Pedro delineando o processo de criação da Cidade Maravilhosa — como se igualando, numa jogada perversamente poética de marketing, a cidade e o *shopping*. Minet eleva essa ideia à máxima potência durante o poema, pois, à medida que parodia João do Rio e Baudelaire, seu poema é estruturado em vinhetas que alternam entre listas vertiginosas de observações e minicontos que oscilam entre o sombrio e o romântico. O *shopping* é utilizado como uma representação em miniatura das dinâmicas urbanas, subvertendo as concepções tradicionais do Rio de Janeiro. Por meio disso, questiona-se não apenas a essência da cidade, mas também o significado mais profundo de viver e de se enxergar nela.

Lê-se na fachada de uma loja em reforma: "ser carioca é ter o Rio dentro da pele" (Minet: 2022, 77). Mas será realmente assim? O "Rio Sul Shopping Center", afinal, parece assumir um papel de esfinge, lançando enigmas em resposta a essas ques-

tões. Os *shoppings*, dessa forma, parecem se tornar as próprias ruas, com toda a "alma encantadora" desse mundo, se quisermos parodiar o título de João do Rio. São "escadas rolantes que conduzem a outras escadas rolantes, andares que levam a outros andares, lugares que conduzem a outros lugares, sem intervalo" (Minet: 2022, 77), revestidos por espelhos que refletem a luz, cegando momentaneamente e anulando quem passa por perto.

Matheus Ultra, no prefácio da *Coleção*, faz referência à provocação de Luce Irigaray em "Speculum de L'Autre Femme", também presente na poesia de Pedro Minet: "Mas e se o objeto começasse a falar?". Para responder a essa questão, os meninos mortos retratados por Minet conduzem o leitor por um discurso fragmentado e doloroso, onde, após serem usados e explorados, tornam-se Nada. Suas respostas são refletidas nos espelhos daquelas lojas — superfícies que, como narradores silenciosos, revelam não apenas as aparências visíveis, mas também a superficialidade dos corpos que passam por elas. Esses meninos, habitantes das ruas, ao se verem continuamente refletidos, "já viraram espelhos" (Minet: 2022, 80). Entram e saem dessas imagens, muitas vezes presos e perdidos do outro lado, como Alice. O autor parece sugerir que ser carioca significa testemunhar sua dor refletida, gravada, resplandecente e irrisória em cada azulejo ou manequim das lojas de roupas ao redor.

E é justamente essa dor que ressoa em todos os textos contidos na *Coleção* — penso aqui especialmente em "*À Nos* Amours, Réplica e Um Menino é um Menino" —, delimitando vez após vez os registros da crueldade e do sofrimento experimentados pelos meninos que povoam esse universo. Equi-

librando todo esse horror com um senso aguçado de beleza e fantasia, o resultado é um testemunho extraordinariamente único de estilo. Minet acaba infundindo em sua escrita um apelo poderoso à sobrevivência:

> Boneco oco, mentiroso
> que nunca vai ser um
> menino de
> verdade
> Mas ele vive na
> imagem
> sobrevive na
> Imagem
> E você sonha com a imagem como
> se fosse de verdade...
> Imagem
> Imagem
> Imagem
> Imagem
> Menino menino menino menino menino menino
> menino
> menino menino menino menino menino menino
> menino
> menino menino menino menino menino menino
> de
> verdade...
>
> Minet: 2022, 23

Os meninos, em sua ânsia por serem reconhecidos e vistos para além do fetichismo e da idealização que os aprisionam, buscam desesperadamente existir. Por meio de uma voz hesitante e devastada, Pedro Minet habilmente lhes oferece a oportunidade de escapar dessa tensa Terra do Nunca à qual estão condenados.

Referências

MINET, Pedro. *Coleção de meninos mortos*. Cotia: Urutau, 2022.

NABOKOV, Vladimir. *Lições de literatura*. São Paulo: Fósforo, 2021.

>>> Recebida em 12/12/2024. Aceita em 06/04/2025